

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

O REI DOS VIGARISTAS



MANOEL D'ALMEIDA FILHO



O REI DOS VIGARISTAS

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



EDITORA
 **Prelúdio** LDB

RUA IPANEMA, 772 — FONE: 92-7613
SÃO PAULO-6

Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

O REI DOS VIGARISTAS



Entrego ao povo mais uma
Estória por mim versada,
Onde o bom leitor verá
Uma novela engraçada
Sôbre "O Rei dos Vigaristas"
Por êle mesmo contada:

— "Nasci no alto sertão,
Na Fazenda do Casmurro,
Meu pai era o fazendeiro
Trabalhava como um burro,
Eu disse com meus botões:
— Não nasci para dar "murro".

Deram-me o nome de Pedro
Porém por ser muito ativo,
Todos na nossa fazenda
Chamavam-me "Pedro Vivo",
Isso porque os meus olhos
Só olhavam o positivo.

Desde criança que eu
Tudo, tudo examinava,
Via que quem tinha menos
Era quem mais trabalhava,
Assim fui compreendendo
Que trabalho não prestava.

Se o trabalho fôsse bom,
O burro tinha um tesouro,
Tinha os ossos de platina,
Os dentes de prata e ouro,
Cada casco era um brilhante
E arminho por todo o couro.

Porém o lucro que tem,
Pelo trabalho na vida,
É ficar velho e causado
Com a carne consumida,
O couro em cima dos ossos,
Todo cheio de ferida.

Por isso eu observei
Que a vida é uma essência
Cheia de muitos mistérios
Que precisa paciência
Para poder defini-los
Nos fios da consciência.

Para se ter boa vida
Precisa ser consciente,
Sabido em todos os pontos,
Ativo e inteligente,
Saber falar, ter coragem,
Ser bonito, andar decente.

Pois já aos oito anos,
Eu pude compreender,
Chamei meu pai e lhe disse:
— Preciso aprender a ler
Pois as boas qualidades
Eu tinha para vencer.

Disse mais para meu pai:
— Preciso muita instrução
Porque não quero dar "marro"
Nem em pasta de algodão,
Também, nem bater um prego
Numa barra de sabão.

Como eu era o caçula
E meu pai tinha dinheiro,
Fui levado com carinho
Para o Rio de Janeiro,
Internado num colégio,
Como um rico brasileiro.

Logo no primeiro ano
Em tudo dei o recado,
Cem em tôdas as matérias,
Para ser bem aprovado,
Fui o primeiro da turma
Por isso fui premiado.

Nos outros anos seguintes,
Não saía do meu pôsto,
Segui o mesmo caminho,
A ninguém dava desgosto,
Os professôres com isso
Demonstravam muito gôsto.

Aos poucos consegui
Eliminar os reccios,
Adquiri confiança,
Comecei a dar passeios,
Com ordem dos professôres,
Andava em todos os meios.

Assim pude conhecer,
Com tôda a camaradagem,
Os meios altos e baixos,
Sempre entrava com coragem,
Aprendendo em tôda a altura
Os truques da malandragem.

Aprendi primeiro os truques
Dos malandros sem dinheiro,
Depois dos capitalistas,
Comerciante e banqueiro,
Porque quem não é malandro
Bebe água o ano inteiro.

Depois que aprendi de tudo,
Compreendi sem querer
Que o homem trabalhador
Não tem gosto de viver,
Trabalha morrendo à fome
Para o malandro comer.

Só quis mesmo completar
O curso ginasial,
Abandonei os estudos
Que já me faziam mal,
Pois precisava seguir
A fé do meu ideal.

Escrevi para meu pai
Informando ter ciência
Já suficiente para
Usar minha consciência,
Não mandasse mais dinheiro
Porque não tinha carência.

Fui como um bom cidadão
Em vários departamentos,
Fiz sem pedir a ninguém
Diversos requerimentos,
Em poucos dias tirei
Todos os meus documentos.

Arranjando tudo fiz
Uma jura com coragem
De viver por minha conta
Só obtendo vantagem,
Não sujar meus documentos,
Dominar a malandragem.

Jurei mais que se um dia
Desse um "golpe" fracassado,
Abandonaria a "lida"
Sem meu pai ser molestado,
Com vida eu jamais seria
Visto desmoralizado.



Para isso eu precisava
Não andar com camarada,
Não me deixar dominar
Por nenhuma namorada,
Ter fibra e não me deixar
Ser seduzido por nada.

Aluguei para morar
Um bonito apartamento,
Tracei tôda a minha vida,
Fiz todo o planejamento,
Para agir sem trabalhar
Desde daquele momento.

No outro dia trajei-me
Com uma roupa elegante
E depois fui almoçar
Num famoso restaurante,
Lá ainda recebi
Uma quantia importante.

Pedi o prato do dia
Também a melhor bebida,
Quando enchi bem a barriga,
No finzinho da comida,
Já no último bocado,
Levei a "bomba" escondida.

Era uma barata grande
Que ocultamente guardei,
Sem que ninguém percebesse
No meu prato misturei
E depois levando à boca
Com a comida mastiguei.

Dei um engulho e um grito
Com a voz agoniada
E depois cuspi no prato
A barata mastigada
Continuei dando vômitos
Sem conseguir dizer nada.

O garção chegou correndo
E perguntou o que havia,
Eu apontei para o prato:
— Veja aí que porcaria!...
Para um restaurante chique,
Bonito "prato do dia"!...

O garção vendo a barata,
Pegou o prato e voou...
Chamou o proprietário
Do restaurante e mostrou,
O homem quase morria
Quando a "coisa" examinou.

Nesse momento eu estava
De fregueses rodeado,
Todos queriam saber
Porque eu tinha engulhado
E o que havia com o prato
Que tinha sido levado.

Entretanto eu me mantinha
Firme com a palhaçada,
Fazendo muita carreta,
Com a linguagem enrolada,
Continuava engulhando
Porém não saía nada.

A mandado do patrão
Nesse momento chegaram
Dois garçons muito apressados
Nos braços me carregaram
Para um quarto reservado,
Numa cama me botaram.

Foi no mesmo instante um médico
A tôda pressa chamado,
Lhe disseram que eu havia
Há pouco sido atacado
Por um mal-estar tão grande
Que tinha até vomitado.

O doutor me examinou,
Mediu minha pulsação,
Disse que eu estava bem,
Passou a medicação
Para um dia de repouso
E sob observação...

Eu acertando o meu "golpe"
Continuava calado
Fingindo fazer esforço
Como quem estava engasgado.
Enquanto por todos era
Divinamente tratado.

Fingindo que melhorava,
Puxei a respiração,
Chamei o dono da casa
Que me deu tôda atenção,
Lhe pedi que me mandasse
Para a minha habitação.

O dono do restaurante,
Muito delicadamente,
Disse: — Não tenha cuidado,
O senhor como se sente?
Eu respondi: — Melhorado
Porém ainda doente.

Com os efeitos da barata
Passei o pior instante,
Agora vou aos jornais
Dar êsse “furo” importante,
Dizer o “prato do dia”
Que tem no seu restaurante.

Quando a notícia sair
Estampada nos jornais,
Vem logo a Saúde Pública
Aplica as sanções penais,
Esta casa fecha as portas,
Restaurante, nunca mais!...

O homem assim que ouviu
A minha voz decidida,
Disse: — Pelo amor de Deus,
Por Maria Concebida,
Assim o senhor acaba
Meu negócio e minha vida!

Diga quanto quer de mim
Para guardar o segredo,
Não me faça essa miséria,
Senão eu morro de medo,
Pago o que o senhor pedir
Para acabar com o enrêdo.

Eu lhe respondi: — Então,
Leia êste documento
E depois de lido assine,
Dando todo o cumprimento,
Quando registrar a firma
Eu aceito o pagamento.

O documento dizia:
— “Eu assino êste contrato
Para que seja guardado
O segrêdo sôbre um prato,
Pagarei cinco milhões
Se faltar com o meu trato”.

— E quanto o senhor recebe?

Perguntou-me o cidadão:

— Com o documento assinado,
Basta me dar um milhão
Em notas de mil cruzeiros,
Aceita a proposta ou não?

O dono do restaurante
Constrangido aquiesceu,
Assinou o documento,
Registrou a firma e deu
O milhão nas minhas mãos,
E ainda me agradeceu.

Meu primeiro “golpe” foi
Praticado sem engano,
Puz o dinheiro no banco,
Tracei o segundo plano,
Quando peguei um inglês
Fiz êle entrar pelo “cano”.

O inglês tinha uma casa
Na rua do Livramento,
Especialista em roupas
Fabricadas a contento,
*Para qualquer militar
Lá havia um fardamento.

Às onze e cinqüenta e cinco,
A casa estava fechando,
Os empregados saindo,
Nessa hora eu fui entrando,
Saudei o proprietário
E comecei “trabalhando”.

Contei ao inglês que era
De uma cidade distante
E trazia uma encomenda
De um coronel elegante
Da polícia militar,
Um cidadão importante.

É um fardamento completo
Porém só me serve agora
Porque estou apressado,
Já quase em cima da hora,
Eu tenho que andar ligeiro,
Senão o trem vai embora.

O inglês que falava
Um português enrolado,
Enrolou a língua e disse,
Se mostrando interessado:
— Quais as medidas do homem,
O senhor está lembrado?

Respondi ligeiramente:
— Não trouxe as medidas dêle;
É assim do seu tamanho,
O senhor é igual a êle,
O que der bem no seu corpo
Com certeza dará nêle.

O inglês muito contente,
Ao seu trabalho fiel,
Vestiu todo o fardamento,
Fêz um bonito papel,
Ficou da cabeça aos pés
Um perfeito coronel.

Assim que avistei o homem
Naquela roupa fardado,
Com botina, cinto e quepe,
Perfeitamente atacado,
Abri a registradora
E tirei o apurado.

Quando embolsei o dinheiro,
Dei adeus e fui andando,
O inglês correu atrás
De mim e saiu gritando,
Num enrolado tão grande,
Como um bode bodejando.

Gritava: — Pega o ladrão!...
Mas ninguém compreendia
As palavras do inglês,
Nas caretas que fazia,
Porque aquela linguagem
O povo não entendia.

Em menos de dois minutos
A rua se encheu de gente,
Eu fiquei no meio do povo,
Quando chegou um tenente
Me perguntando o que havia,
Se o inglês era demente.

Eu lhe respondi: — Parece,
Veja como êle está rouco,
Trajado de coronel,
Para correr falta pouco,
Quem faz um papel daquele,
Não tem que saber, é louco.

Todo mundo lamentava,
Dizendo: — Pobre, coitado!
O inglês na sua raiva
Estava tão agitado
Que nem sequer entendia
Porque estava fardado.

Levado à delegacia
Para dizer a razão
Porque tinha se fardado,
Fêz a maior confusão,
Quando se olhou num espelho,
Foi que deu alteração...

Voltou atrás assombrado
Como quem estava vendo
Fantasmas do outro mundo
E só não saiu correndo
Porque foi pegado em tempo
Pelo soldado Rosendo.

Porém chegou um intérprete
Que conhecia a linguagem
Do inglês e traduziu
Para tôda a reportagem
Que o homem tinha caído
Num golpe de malandragem.

O inglês envergonhado,
Por aquêle acontecido,
Deu tudo por acabado,
Ao recobrar o sentido,
O povo ficou pensando
Que êle tinha era bebido.

Ainda hoje não sabe
Como não enlouqueceu,
Pensa porém não atina
Como aquilo aconteceu,
Eu fui lá diversas vêzes,
Ninguém me reconheceu.

Para não perder meu tempo,
Dei uma volta no globo
Do pensamento criando
Mais uma bôca-de-lôbo
Bem aberta, escancarada,
Para engolir outro bôbo.

Havia um velho ranzinza
Que nunca temeu engano,
Acreditava em mistério,
Profecia de cigano,
Objeto milagroso
Do tempo diluviano.

Para as suas brincadeiras,
Tinha muito capital,
Comprava por qualquer preço
Um troço fenomenal
Que se dissesse que tinha
Fôrça sobrenatural.

Preparando a vigarice,
Fui numa loja e comprei
Um boné de pala azul,
Depois num bar me sentei,
Com um garção conhecido,
A chantagem combinei.

Dei uma certa importância
Ao amigo "João de Maga"
Que ficou como um aval,
Garantindo minha vaga,
Para tudo que eu comprasse,
A despesa estava paga.



Contei ao velho que tinha
Um objeto famoso,
O boné que veio do céu,
Mágico, misterioso,
Que possuía consigo
Um poder maravilhoso.

Porque a qualquer pessoa
O mistério compensava,
Pondo o boné na cabeça,
Nada do bôlso gastava,
Tôda compra que fizesse
Era o boné que pagava.

Agora o leitor vê
Como tudo sai perfeito,
O velho ficou maluco
Para assistir ao efeito
Do boné e sendo certo
Comprava de qualquer jeito.

Puz o boné na cabeça,
Fiz como o Diabo deseja,
Levei o velho no bar
Lá pedi muita cerveja,
Uísque, champanha e disse:
— Eu quero que o senhor veja!

Nisso levantei-me e a pala
Do boné peguei na ponta,
Levantei-a e perguntei:
— Qual foi o cabeça tonta
Que despachou esta mesa?
Pode vir trazer a conta.

Meu amigo “João de Maga”,
Com incrível rapidez,
Correu e disse: — O senhor
Nenhuma despesa fêz,
A sua conta está paga,
Ou quer pagar outra vez?

Como estava combinado,
Peguei a pala e puxei
Para um lado e para o outro,
Novamente perguntei:
— E assim, o que me diz,
Responda se eu já paguei?

“João de Maga” respondeu:
— O senhor não deve nada,
Tôda a despesa está paga,
A conta está liquidada,
Olhei para o velho e disse:
— Está vendo, camarada?

O velho disse: — Eu agora
Para comprar me ofereço,
Diga o valor do boné
Eu compro por todo preço,
Porque outra coisa igual
Neste mundo eu não conheço.

Eu respondi: — O boné
É quem me salva as ações,
Tôdas as minhas despesas
São pagas sem confusões,
A não ser que o senhor queira
Dar por êle dez milhões!...

O velho gritou: — É meu,
Ainda sendo o Capêta,
Eu pagaria até cem
E fazendo uma carêta:
— Vou lhe dar os dez milhões
E mais cinco de gorjeta!

Respondi: — Negócio feito,
Não quero reclamações,
O velho disse: — Eu sou homem
No dinheiro e nas ações,
Levou-me até sua casa
E deu-me os quinze milhões.

Para completar a obra,
O velho era fabuloso,
Contou a vários amigos
O fato maravilhoso,
Quando assistiu a proeza
Do boné misterioso.

Fêz um convite aos amigos
Para a verdade provar,
Por incrível que pareça,
Dirigiu-se ao mesmo bar
Aonde pediu bebidas
Para o grupo tomar.

Todos beberam à vontade
Até que a hora chegou,
Para mostrar a proeza,
O velho se levantou,
Pegou o boné pela pala
Suspendeu e perguntou:

— Quanto devo? Traga a conta,
O garção disse apressado:
— Cento e cinco mil cruzeiros,
Está aqui tudo anotado,
O velho disse: — Parece
Que o senhor está enganado!

Com a pala do seu boné
Novamente remexeu
Em tôdas as direções,
Virou, subiu e desceu,
Depois perguntou: — E agora,
Diga quanto devo eu?

O garção respondeu firme:
— A mesma coisa, patrão,
E pague logo porque
Se não vai para a prisão,
Nesta casa não se atende
A vagabundo e ladrão.



Foi quando o velho sentiu
 Que tinha sido enganado,
 Pagou a despesa e foi
 Pelos amigos vaiado,
 Meu amigo "João de Maga"
 Contou-me êsse resultado.

Eu não fui nem procurado
 Mas andava prevenido,
 O velho ainda deu parte
 Porém não foi atendido,
 A polícia acreditou
 Que êle era doido varrido.

Com vários milhões no banco,
 Eu estava preparado,
 Como um bom capitalista,
 Paguei um advogado
 Para que me defendesse
 Quando estivesse enrascado.

Pela manhã de um sábado,
Fui numa agência e comprei
Um carro por três milhões
E com um cheque paguei,
Para conduzir o auto
Um motorista chamei.

O chofer era da firma,
Saiu comigo de graça,
Mandei que parasse o carro
Ao passar por uma praça
Aonde na vista dêle
Eu fiz a maior desgraça...

Chamei um chofer de praça
Muito sério e lhe falei:
— Está vendo êste automóvel?
Agora mesmo o comprei,
Na vista dêste rapaz,
Por três milhões e paguei.

Porém como hoje é sábado
E eu preciso de dinheiro,
Os bancos estão fechados,
Quero ir para o estrangeiro,
Dou até por dois milhões,
Quer me comprar, companheiro?

O chofer disse: — Eu não posso
Porque só tenho um milhão,
Respondi: — O carro é seu,
Passei-lhe os papéis na mão
E recebi o dinheiro
Antes de ter confusão...

Passando a chave do carro,
Com o milhão embolsado,
O motorista da firma
Estava todo gelado,
Lhe dei vinte mil cruzeiros
E disse: — Muito obrigado.

Ele me disse: — O senhor
Assim perdeu dois milhões,
Lhe respondi friamente:
— Não tenho satisfações
Para lhe dar porque sou
Dono das minhas ações.

Os bancos estão fechados,
Só abrem segunda-feira,
Quando isso acontecer,
Dessa ou daquela maneira,
Eu já estou muito longe
Numa nação estrangeira.

Quando acabei de falar,
Foi mesmo que um furacão,
O homem virou-me as costas,
Não me deu mais atenção,
Saiu na velocidade
De uma bala de canhão.

Chegando na firma disse,
No meio de todo mundo:
— Patrão, aquêlê rapaz
É um ladrão vagabundo,
O carro que lhe comprou
Foi com um cheque-sem-fundo.

Agora mesmo vendeu
O carro por um milhão,
Dizendo que ainda hoje
Vai para outra nação,
Corra, dê parte à polícia,
Para pegar o ladrão.

Foi um bafafá tremendo,
Policiais avisados,
As estradas bloqueadas,
Aeroportos fechados,
As favelas reviradas,
Navios interditados.

O chofer que me comprou
O carro por um milhão
Foi o primeiro a ser prêso,
Porque na opinião
De quem executa a lei,
Quem compra roubo é ladrão.

Eu que já sabia tudo
Como tinha sido feito,
Fui ao meu advogado
Disse que estava suspeito,
Tinha acertado um negócio,
Estava esperando o efeito...

É um negócio rendoso,
Em todo o ponto de vista,
Eu estou sendo acusado
De ladrão e chantagista,
Negro vai me pagar caro
O nome de vigarista.

Deixando o advogado,
Já ia em "Pedro Segundo",
Quando ouvi dizer: — É êste
Sem-vergonha, vagabundo,
Assaltante, chantagista,
Que passa cheque-sem-fundo.

Assim que fui me virando
Já foi desequilibrado,
Levei um rabo-de-arraia,
Caí no chão estirado,
Em menos de dois segundos
Estava prêso, algemado.

Saí levando empurrões,
Como o pior miserável,
Fui metido num xadrez
Frio, imundo e detestável,
Até a segunda-feira,
Fiquei incomunicável.

Foi feito um levantamento
Da minha vida em segredo,
Nada havia contra mim
Nem mesmo um pequeno enrêdo,
Todos os policiais
Ficaram com muito mêdo.

Logo o meu advogado
Sabendo se preparou,
Com uma ação contra a firma,
Pelo momento esperou,
Na segunda-feira cedo
No banco a "bomba" estourou.

Quando o banco abriu a porta,
Quem primeiro se meteu
Foi o gerente da firma,
No balcão o cheque deu,
Porém quase morre quando
O dinheiro recebeu.



Assombrado perguntou,
Olhando para o dinheiro:
— Esse cheque tinha fundo?
O caixa disse ligeiro:
— Não temos depositante
Vigarista ou trapaceiro.

Especialmente êsse môço
Que tem perto de um bilhão,
O pai dêle é fazendeiro
Cria gado no sertão,
Se o senhor vem censurá-lo
Saia do nosso balcão.

Nisso chegou a polícia
Que sabendo da verdade,
Levou o gerente à fôrça
Perante à autoridade,
A queixa foi retirada,
Eu fui pôsto em liberdade.

Mas o meu advogado,
Pôs mãos à obra em seguida,
Apresentou queixa-crime,
Resguardando a minha vida,
Contra a firma vendedora
Por tôda a injúria sofrida.

Só pelo crime de injúria
Recebi trinta milhões,
Mais dez por danos e perdas,
Cinco pelos empurrões,
A firma ficou quebrada
E perdeu as concessões.

O motorista foi sôlto,
Pela polícia atendido,
E tornou a receber
O carro que tinha sido,
No dia da confusão,
Pela agência apreendido.

A "brincadeira" causou
A maior repercussão,
Fiquei muito conhecido,
Temendo decepção,
Resolvi dar um passeio
Para "agir" pelo sertão.

Saí procurando em quem
Pudesse dar um "estouro",
Encontrei um fazendeiro
Que sonhava só com ouro,
Pude envolvê-lo no "conto"
Da história do tesouro.

Eu soube que o fazendeiro
Já vivia amalucado,
Sonhava tôdas as noites
Com um tesouro enterrado
Na sua propriedade,
Só não acertava o lado...

O fazendeiro era rico
Só não de muito dinheiro,
Tinha tanto gado que
Parecia um formigueiro,
Eu disse comigo mesmo:
Preciso ser boiadeiro.

Fui em casa de um ferreiro,
Com idéias decididas,
Contratei para que êle,
Com placas finas batidas,
Fizesse um caixão de ferro
Com as seguintes medidas:

Dois metros de comprimento,
Um e vinte de largura,
Para não ficar pesado,
Dez centímetros de altura,
Com uma chapa de ouro
Servindo de fechadura.

Depois enchi de carvão
E numa noite levei,
Num pasto longe que tinha,
Uma jaqueira encontrei,
No tronco do lado Norte
O tal caixão enterrei.

Ficaram como sinal
Três moedas de ouro puro,
Isso quase à flor da terra,
Pisei o chão, deixei duro,
Depois, para despistar,
Cobri com muito monturo.

Naquele lugar a terra
Pelo gado era pisada,
Com a continuação,
Era solidificada,
Assim dentro de três meses
Estava consolidada.

Já preparado cheguei
Na casa do fazendeiro,
Num cavalo montado,
Dizendo ser boiadeiro,
Com documento provei
Que tinha muito dinheiro.

Recebido com as honras
De grande capitalista,
Fui hospedado num quarto
Que tinha uma linda vista
Aonde planifiquei
Meu papel de vigarista.

Dormi e no outro dia
Disse que havia sonhado,
Num estranho pesadelo,
Com um tesouro enterrado,
À sombra de uma fruteira,
Num lugar pouco afastado.

Disse ter visto no sonho
Um valoroso tesouro,
Um grande caixão de ferro,
Repleto de prata e ouro,
O velho com a notícia
Quase que dava um estouro.

Deu três pulos de alegria
Dizendo: — Eu tenho sonhado
Com êsse dito tesouro,
Agora está confirmado,
Para a localização,
Vamos correr o cercado!...

Sei que você reconhece
Vendo a fruteira sonhada,
Achando, o tesouro é nosso,
A ninguém diremos nada,
Eu fico com o caixão
E lhe dou uma boiada.

Eu disse: — Perfeitamente,
Entramos na catingueira,
Depois que andamos muito,
Quando avistei a jaqueira,
Apontei dizendo: — Graças!...
Está ali a fruteira!...

O velho já prevenido
Um enxadão carregava,
Eu cavei em vários cantos,
Fazendo que não achava,
Já quase sem esperança
Êle se desenganava.

Até que com muita luta
Bati num canto, estrondou,
O lugar estava fôfo,
O velho se aproximou
Dizendo: — Graças a Deus,
Você agora encontrou!...

Eu continuei cavando,
Quando as moedas de ouro
Surgiram, o velho gritou,
Da testa franzindo o couro:
— Pare aí, não cave mais,
Não toque no meu tesouro!

Eu respondi: — Tenha calma,
Não precisa alteração,
Apenas quero medir
O tamanho do caixão,
A fechadura de ouro
Surgiu nessa ocasião.

No momento o velho disse,
Com palavras agitadas,
Os olhos arregalados:
— Pare com as enxadadas,
Eu fico com o tesouro
E lhe dou duas boiadas.

Eu respondi: — Sim, senhor,
Com tôda a satisfação,
Aceito a sua proposta
Porém não tenha ambição,
Cuidado, porque o ouro
Pode virar-se em carvão.

Êle disse: — Não se importe,
Não quero prejudicá-lo,
Cubra o caixão com a terra
Para ninguém não roubá-lo,
Vire o que virar, é meu,
Depois eu venho arrancá-lo.

Fiz o que o velho mandou
E depois voltei com êle,
Recebi duas mil reses
E, por não confiar nêle,
Mais um recibo assinado
Pelo próprio punho dêle.

O recibo declarava
Que eu tinha pago em dinheiro,
Contratei os tangedores,
Dei adeus ao fazendeiro,
Com as boiadas na frente,
Saí sendo boiadeiro.

Apurei muito dinheiro
Com a venda do meu gado,
No fim da história eu conto
Como foi o resultado
Dêsse velho ambicioso
E o seu tesouro enterrado.

Por êsse tempo, eu contava
Vinte e seis anos de idade,
Pensei: — Com tanto dinheiro,
Vou gozar a mocidade,
Fui cair numa “esparrela”
Que só contando a verdade.

Fui misteriosamente
Mudando os pontos de vista,
Quando dei fé já estava
Amando uma normalista
Que em matéria de amor
Era a maior “vigarista”.

Carmosina era um encanto,
Uma fada enfeitando,
Uma loucura em mulher,
Uma aurora despontando,
Dessas que a terra treme
Quando elas passam pisando.

Era tão bonita que
Parecia ser a nata
Da beleza feminina,
Tão dengosa, tão pacata,
Era dessas que a morte
Chora com pena e não mata

Diante daquela beleza
Fiquei hipnotizado,
Como que por um feitiço,
Fui amando e sendo amado,
Quando “acordei” já estava
Totalmente acorrentado.

Quando eu lhe disse que era
Muito rico e boiadeiro,
Ela respondeu: — Também,
O meu pai é fazendeiro,
Possui a maior fazenda
Que há no sertão mineiro.

Agora, nas minhas férias,
Cumprindo o seu juramento,
Você há de ir comigo
À Fazenda Sacramento,
Para que peça a meu pai
Minha mão em casamento.

Aceitei sem me lembrar
Daquele “conto” passado
Numa fazenda mineira
Porém lá sendo chegado,
Fui apresentado ao velho
Do tal tesouro enterrado.

Ele me apertando a mão
Logo me reconheceu
E disse: — Você não sabe
O que foi que aconteceu!
Por minha grande ambição,
Meu tesouro se perdeu.

Você bem que me avisou
Que eu não tivesse ambição
Porém na minha ganância,
Quando arranquei o caixão,
Para meu assombro, dentro
Só existia carvão.

Carmosina ouvindo aquilo,
Surpreendida, assombrada,
Pedi esclarecimento,
A história foi contada,
Ela sabendo de tudo
Soltou uma gargalhada...

Atalhando, eu disse ao velho:

— Entre nós, não há questão,

O apurado das boiadas

Ponho todo em sua mão,

Êle disse: — Deus me livre,

Eu não recebo um tostão.

Quando pedi Carmosina,
Êle deu com todo o gôsto,
A festa realizou-se
A vinte e três de agôsto,
Sou casado há quinze anos,
Nunca houve um só desgôsto.

Eis aí, leitor amigo,

Uma história de verdade

Que me foi contada há anos

Pela personalidade

Que de rei dos vigaristas

Foi o rei da honestidade.

A beleza feminina

Leva o homem de vencida,

Mesmo sendo um Lampião,

Entra em beco-sem-saída,

Inda o mais enfurecido,

Dá o coração, cai vencido

Aos pés da mulher querida.



VOCÊ DEVE LER?!

O mundo moderno oferece novos veículos de educação. O rádio e a televisão levam aos mais distantes recantos do mundo, sons e imagens de todos os acontecimentos.

Mas a pedra básica da educação ainda repousa sobre os livros. São os melhores amigos. Qualquer livro bom. Qualquer leitura sadia. Tanta uma obra filosófica, pesada e grandiosa como a simples literatura em versos.

A literatura em versos, ou literatura de cordel, é a que mais encontra penetração, por ser mais suave, mais fácil de assimilar e mais gostoso de ser lida, pois ela nasce da alma do povo. Nela, além das idéias, encontramos o embalo dos versos e o eco das rimas. Seus autores são homens simples, que refletem no trabalho o sabor inconfundível da vida e da poesia que existe nos temas mais belos, por vêzes até mesmo ingênuos. São livros preciosísimos que podem alegrar qualquer tipo de espírito.

Por isso, não nos custa ler mais e mais. Ler sempre para alimentar o que temos de precioso: aquilo que é a verdadeira essência do ser humano: o espírito.

Nas páginas dos livros desfilam paisagens bem descritas, situações maravilhosas, tesouros infinitos de conhecimento, variedades incalculáveis de novas palavras e ensinamentos essenciais. Os únicos monumentos que o tempo não consegue destruir nem corroer são os construídos pela mente humana. São os feitos com o espírito. O ferro, o mármore e o bronze desgastam-se com o passar dos séculos. Mas há um atualismo indestrutível em tudo que foi construído com o espírito, com o material eterno das idéias. Por isso, um dos nossos grandes poetas, Castro Alves, recomendou num dos seus mais empolgantes poemas:

"Ah! Bendito quem semeia
Livros, livros a mancheias
e faz o povo pensar.
O livro caindo na alma
É fôlha que faz a palma,
é chuva que faz o mar."

7519

O MUNDO MODERNO NÃO
ADMITE "GAFES" DE ETI-
QUETA! ATUALIZE-SE COM O



manual de boas maneiras

MESTRE EFICIENTE DE NORMAS PARA
UM COMPORTAMENTO EXEMPLAR EM
QUALQUER OPORTUNIDADE.

PEÇA AO SEU VENDEDOR OU DIRETAMENTE PARA A
EDITORA PRELÚDIO LTDA.
RUA IPANEMA, 772 - SÃO PAULO - 6

SNB